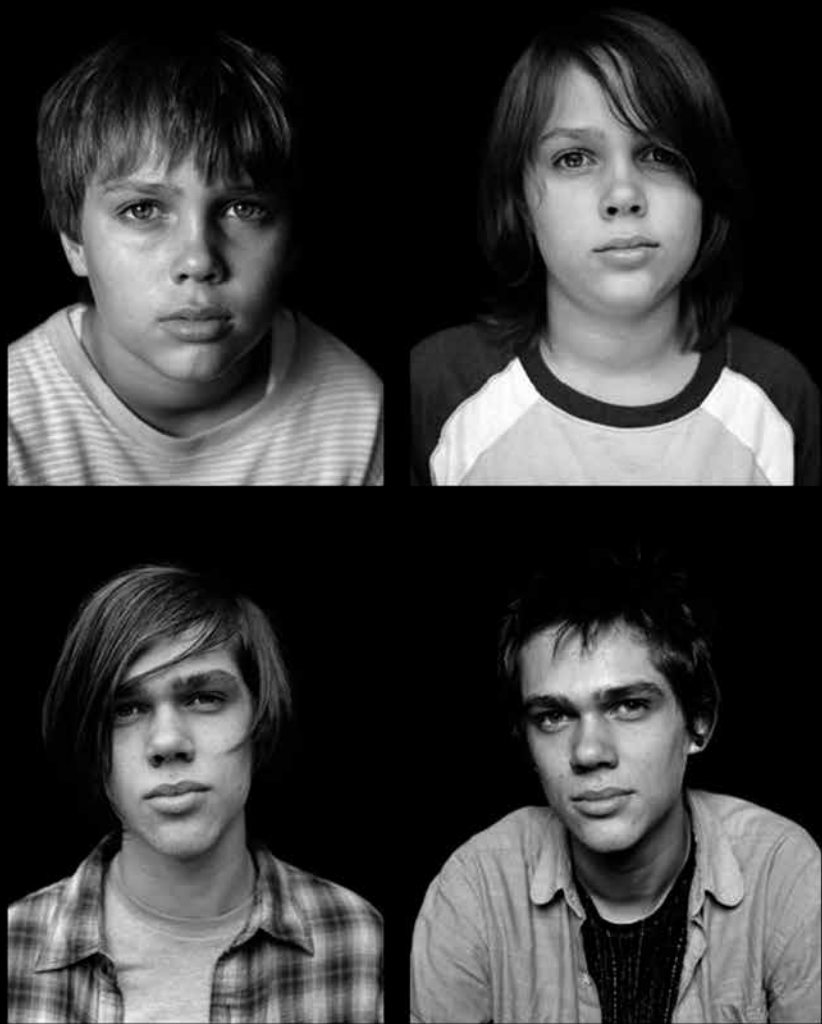


BOYHOOD



Da infância à juventude



POR CAUBY MONTEIRO

O TEMPO sempre foi o tema central da carreira de Richard Linklater. Em *Slacker* (1991) víamos pessoas a deambular pela cidade, uma após a outra, num exercício similar ao de Alan Clarke (que depois seria re-trabalhado por Gus Van Sant) em que o tempo definia não só a duração do filme, mas a própria essência daqueles personagens (os *slackers*, aqueles que não fazem nada, que perdem seu *tempo*). A seguir em sua carreira abriu-se outra portal temporal: a (por enquanto) trilogia dos *Antes*, primeiro amanhecer, depois pôr do sol e por fim meia noite. A ideia é acompanhar um casal que se conhece por acaso num trem e percorrer não o espaço que eles habitam, mas o tempo do qual eles se servem, pois nesses filmes é ele quem dá o compasso das emoções, que se faz apaixonar, que dinamita os corpos, recriando-os para melhor registrar a duração do amor.

Nada menos surpreendente, portanto, que a produção desse novo filme, *Boyhood: Da Infância à Juventude* (*Boyhood*, 2014). Digo produção porque qualquer menção a essa obra não pode ocorrer sem que se tenha em mente a forma como o filme veio a ser. Produzido num período de 12 anos, a câmera de Linklater acompanhou a vida de um garoto dos 6 aos 18 anos, da entrada na escola à saída, período fundamental do desenvolvimento humano, mas ainda sem constar nele o amadurecimento total, tempo de descobertas e dúvidas que permanecerão sem resposta. Acompanharemos o crescimento (em todos os sentidos) de Mason (interpretado por um novo mestre do olhar, Ellar Coltrane) e as pessoas que o rodeiam. Sua mãe, personagem magnífico de Patricia Arquette, é a base fundamental da família, seu pai, clichê da figura ausente e *cool*, e sua irmã, que serve como um contraponto temperamental de

Mason. Construindo cuidadosamente esse dispositivo (palavra prostituta hoje, mas que aqui cabe perfeitamente) Linklater pinta um quadro de um período da vida de alguém. Mas e a pintura em si, quais são suas formas e suas cores?

O impacto da primeira visita a *Boyhood* faz-nos pensar nas outras tentativas de retrato temporal da vida de um ser humano. Me vem à mente duas produções, uma pra TV, outra pra literatura (adaptada para o cinema). Em *Anos Incríveis* (*The Wonder Years*, 1988-1993) vemos um grupo de amigos, centrado no personagem de Kevin Arnold, passar seus anos escolares até a formatura. Na série *Harry Potter* (não por acaso referenciada em *Boyhood*) temos basicamente a mesma estrutura, com a diferença que se junta a ela a aventura mágica, os perigos e o deslumbramento de um mundo impossível. Em ambos os casos tem-se uma amplitude de obra gigantesca (um é uma série com 115 episódios, o outro uma série de 7 livros adaptados em 8 filmes), o que já os diferencia enormemente de *Boyhood*, que mesmo sendo um filme grande (2h45m), torna-se minúsculo em comparação. Se no caso das séries o desenvolvimento é notado de maneiras muitas vezes imperceptíveis, onde parecemos crescer junto com os personagens (e em muitos casos isso se fez verdade), Mason parece crescer aos trancos, cada corte em que vemos uma pessoa diferente de momentos anteriores vem de maneira abrupta, quase violenta, nos assustamos com sua altura, suas roupas, suas ideias. Talvez a única coisa que se sustente seja o olhar, sempre observador, perscrutador, descobridor. É um filme que, se me desculparem o exagero, assemelha-se mais às obras de Jonas Mekas, seus diários, em que corremos pela vida de um homem de uma maneira alucinante. Mas sem o afeto de Mekas, afinal *Boyhood* também não se trata de um diário. Ele também não navega nas águas selvagens do documentário. É um

filme que se encontra durante seu tempo de produção e fruição, num misto de controle e surpresa, ordem e acaso.

Outra diferença, não só em relação às séries, mas também a qualquer obra (falando especialmente das cinematográficas) que retrate o período é uma sensação, que não chega a ser desagradável, de solidão que sentimos ao ver o filme. Tanto Kevin Arnold, quanto Harry Potter, ou ainda os amigos de *Garotos de Fengkuei* (*Feng Gui Lai de Ren*, 1983), de Hou Hsiao-Hsien, e de *A Brighter Summer Day* (*Gu Ling Jie Shao Nian Sha Ren Shi Jian*, 1992), de Edward Yang, vivenciam um crescimento não só seu, mas também o de amigos próximos, num processo coletivo, em que suas angústias e felicidades são compartilhadas. Mason não está deslocado do mundo, muito pelo contrário, participa dele. Porém, é Linklater que o decalca e o evidencia. Daí vir o fato do filme não poder ser um diário, é quase um estudo antropológico, mas um que não tira conclusões, só nos faz perceber novas dúvidas. Linklater nunca larga Mason, sua câmera o segue a todo lugar. É essa decisão que causa desespero no momento mais tenso do filme em que a mãe abandona Mason e a irmã para ir buscar ajuda, deixando-os a sós com o padrasto abusivo, ou quando entrevemos a mãe no chão da garagem, logo após ter sido espancada pelo marido. Não nos é possível nos afastar desse magnético personagem principal, mas também nunca chegamos completamente nele. Um mundo sem magia, como responde o pai a uma pergunta de Mason, só pode ser um mundo em que estamos invariavelmente sós, mesmo que rodeados de pessoas.

É também incontornável a frase final do filme. Depois de Mason observar a vida em toda a sua decepção (mais uma vez Ozu), quando sua mãe reclama aos prantos para ele que não pode ser só isso, ele passa para um novo estágio de sua vida, misterioso e

cheio de possibilidades. Convidado por seu *roomate* para uma caminhada por entre belíssimas construções rochosas, ele se senta e conversa com uma garota que acabou de entrar na sua vida como tantas outras pessoas. Ela diz que acha que a questão não é você “aproveitar o momento” e sim que o “momento aproveita” você. É um dos finais mais esperançosos que já vi, não para a humanidade, ou mesmo só para a juventude (como em Hughes), mas para aquele menino em vias de se tornar um homem, de quem acompanhamos relances de sua vida até então. O momento em que vemos alguém acreditar que, sim, existe magia no mundo. *As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses Of Beauty*. Presenciamos o primeiro *glimpse of beauty* de Mason. E isso é o suficiente.

AS ATRIZES

LORELEI LINKLATER E PATRICIA ARQUETTE
(COPYRIGHT: UNITED INTERNATIONAL PICTURES)

